

Gênero e corpo em devir: poética afrodescendente e feminismo brasileiro

Género y cuerpo em el devenir: poética afrodescendiente y feminismo brasileño

DEIVIDE ALMEIDA ÁVILA

Mestre em Letras pela Universidade Federal de São del Rei.
E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

OZANA SACRAMENTO

Professora Doutora no IF Sudeste MG – Campus São João del Rei.
E-mail: ozana.sacramento@ifsudestemg.gov.br

Resumo: O principal objetivo deste artigo é refletir sobre gênero e corpo na poética afrodescendente, os quais aparecem quase sempre na constituição das identidades brasileiras mediadas por poetisas negras, como por Lubi Prates (2019) na sua obra “um corpo negro”. A poeta em questão traz o racismo vivenciado em situações cotidianas, o qual transita entre a ancestralidade e o silenciamento da voz do negro. Foi analisada, nos versos dos poemas “condição: imigrante” e “hasta aqui, hasta llegar a mi”, a corporificação de memórias individuais e coletivas em um espaço de autorrepresentação.

Palavras-chave: poesia afrobrasileira; escrita feminina; corpo; Lubi Prates.

Abstract: The main objective of this article is to reflect on gender and the body in Afro-descendant poetics, which almost always appear in the constitution of Brazilian identities mediated by Black women poets, such as Lubi Prates (2019) in her work “um corpo negro”. The poet addresses racism experienced in everyday situations, navigating between ancestry and the silencing of the Black voice. The embodiment of individual and collective memories in a space of self-representation was analyzed in the verses of the poems “condição: imigrante” and “hasta aqui, hasta llegar a mi.”

Keywords: Afro-Brazilian poetry; women's writing; body; Lubi Prates.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história negra do Brasil também pode ser escrita por meio da arte literária. A literatura brasileira foi muito influenciada pela visão racista, fazendo com que os negros aparecessem nas obras literárias apenas como estereótipos, isto quando apareciam. Contudo, mesmo em um meio completamente branco-cêntrico, alguns escritores negros se empenhavam na militância abolicionista, na busca de sua ancestralidade e de uma afirmação cultural. Algumas mulheres também foram fundamentais para a formação da identidade negra, como Maria Firmina dos Reis, primeira escritora negra brasileira, cuja primeira obra, o romance *Úrsula*, foi publicada no ano de 1859.

Hoje, a escrita de autoria feminina negra no Brasil vem delineando seu lugar na história. A produção literária brasileira de mulheres negras abarca questões reveladoras da realidade no contexto de antes e de hoje. Com uma escrita engajada, para além de registro de uma época, a escrita do corpo como representação social revela um comprometimento com questões que envolvem a afrobrasilidade, a amefricanidade¹ e as mulheres histórico-socialmente constituídas.

O ato de dizer comprometido com a história coletiva é o que representa a escrita feminina negra, pois apreende com força maior a inserção modificadora no campo da historiografia literária, até então, cenário de visibilização dos autores quase sempre masculinos e brancos.

As agruras da mulher negra são retratadas também numa literatura autorrepresentativa, conhecida como literatura afrodescendente. A busca por uma escrita própria que representa tantas mulheres negras na diáspora africana aponta para desejos e mudanças da concepção da sociedade, bem como sua inclusão nas esferas sociais, uma vez que se encontram em condições de subordinação nesse meio.

No Brasil, a poética de autores negros se organiza de forma política, atuando como um meio para afirmar uma identidade étnica no combate ao racismo. De acordo com Miriam Alves, o próprio termo “literatura negra”, que se refere a um fenômeno que surgiu no século XX, dentro da esfera da criação dos *Cadernos Negros*, tem um significado consciente de politização, como relata a autora: “uma das principais características da Literatura Negra se deu através de atitudes literárias de organizar a fala através do coletivo, autodenominando-se ‘Escritores Negros de Literatura Negra’” [...] (Alves, 2002, p. 68).

Lélia Gonzalez, antropóloga militante negra brasileira, em seu trabalho pioneiro sobre *Racismo e o sexismo na cultura brasileira*, de 1983, denuncia como as formas de representação das mulheres negras e de seus corpos determinaram os lugares ocupados por elas na sociedade brasileira.

A partir do corpo negro feminino que assume um lugar de fala, poetisas afrodescendentes brasileiras reescrevem e denunciam a violência contra a população negra. Afirmam a desumana incoerência imposta a estas subjetividades que não cessaram com a abolição. Essas poetisas usam um sujeito lírico que partilha do sofrimento perpetuado pela história dos negros, contextualizando-o a partir do navio negreiro com uma poética que traz para seu texto um eu-mulher que anuncia visões de mundo que desestabilizam o patriarcalismo e o racismo.

2 POEMAFRICANO O FEMINISMO BRASILEIRO COM LUBI PRATES

Várias são as lutas e reivindicações do feminismo negro. Expressões decoloniais reverberam também na forma e no conteúdo dos poemas de Lubi Prates, em aspectos como a escrita livre e libertária, além do compartilhamento de vivências e identidades

¹ “Amefricanidade” é um conceito desenvolvido por Lélia Gonzalez, combinando palavras distintas: América e África. Trata-se de abordar a identidade política que ultrapassasse fronteiras nacionais e valorizasse as contribuições dos povos originários e da diáspora africana nas Américas, reconhecendo esses elementos como parte constitutiva da nossa identidade.

do resgate de uma memória histórica. As demandas poéticas prateanas são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que vivencia.

A começar pela forma de sua escrita, composta por versos livres assimétricos e com letras minúsculas em toda sua composição, a poeta desconstrói o padrão, o cânone do português formal, libertando-se de aspectos consolidados. Lubi Prates fortalece a luta contra a mentalidade colonialista que persiste também na escrita. Sua poesia adota uma forma oscilante, que reflete a necessidade humana em constante mudança. De maneira contemporânea, sua escrita é abreviada em letras minúsculas e se utiliza de fontes variadas com um impacto visual marcante. A poeta atua como curadora de poemas essencialmente narrativos que funcionam como veículos para a memória coletiva, considerando o outro como um todo. Prates usa na escrita uma linguagem filosófica próxima ao coloquial; para ela, formas e estéticas são menos importantes do que a vida real de pessoas concretas, exigindo uma atenção especial ao indivíduo singular, como a vida do negro e, em particular, a vida da mulher afro-latina. Essa importância social da escrita é descrita por Diniz (2015, p. 81) quando diz que “a margem da tradução da poesia é tão ampla quanto às demandas culturais que a poesia ainda assuma em uma sociedade.”

Partindo do pressuposto do feminismo decolonial descrito por Gonzalez (1988), podemos teorizar sobre o poema “condição: imigrante”, traduzido para o espanhol, para o catalão, para o francês e para o inglês, como forma de uma intencionalidade multicultural:

condição: imigrante

1.
desde que cheguei
um cão me segue

&

mesmo que haja quilômetros
mesmo que haja obstáculos

entre nós

sinto seu hálito quente
no meu pescoço.

desde que cheguei
um cão me segue

&

não me deixa
frequentar os lugares badalados

não me deixa

usar um dialeto diferente do que há aqui
guardei minhas gírias no fundo da mala
ele rosna.

desde que cheguei
um cão me segue

&

esse cão, eu apelidei de
imigração.

2.
um país que te rosna
uma cidade que te rosna
ruas que te rosnam:

como um cão selvagem

esqueça aquela ideia
infantil aquela lembrança
infantil

de sua mão afagando um cão
de sua mão afagando

seu próprio cão

ficou em outro país
ironicamente, porque a raiva lá
não é controlada

aqui, tão pouco:

um país que te rosna
uma cidade que te rosna
ruas que te rosnam:

como um cão

:selvagem.
(Prates, 2020, p. 33-35)

Neste poema, podemos observar a estreita relação entre xenofobia e racismo no Brasil. A tonalidade escura da pele serve como um indicador para aqueles que sofrem desconfiança e antipatia dos nacionalistas. Parte da história do povo negro está intrinsecamente ligada ao sistema de escravidão, que se tornou um costume desumanizador na mentalidade daqueles de pele branca – como o cão selvagem que observa, persegue e mata. Separada por línguas e pela distância entre fronteiras

nacionais, a voz lírica negra precisa unir-se e fortalecer-se contra a persistente mentalidade colonialista, pois essa voz se manifesta nos corpos que compõem as cidades e países do “Novo Mundo”.

O poema descrito acima exemplifica as conexões interamericanas de solidariedade diaspórica. Dessa forma, Lubi Prates se insere dentro do atual movimento feminista afro-latino-americano, que analisa a realidade nacional, questionando a suposta democracia racial e denunciando o favorecimento ao branqueamento.

O corpo é o cerne nos poemas de Lubi Prates, um corpo manifesto que não se apresenta isoladamente na cena poética, pois sempre há a contaminação da raça branca com sua língua, sua cultura, tudo de acordo com seus próprios interesses. Para Edward Said, “[u]m intelectual é como um naufrago, que, de certo modo, aprende a viver *com* a terra, não *nela*” (2006, p. 67, grifos do autor).

O não habitar um território pode estar associado a não aceitação de um corpo negro feminino, que está calcado a jugos impetrados nas memórias da escravidão. Ao explorar esse passado, o poema citado constitui versos que rompem com os espaços que, ao longo da história, têm silenciado, apagado e marginalizado as populações negras em diáspora. A busca por esse reconhecimento como um corpo que pertence, mesmo que a desterritorialização se coloca, transforma-se em estratégias de afirmação, combate ao racismo e enfrentamento das profundas desigualdades presentes na sociedade brasileira.

De acordo com Stuart Hall (2005, p. 38), a identidade é algo que se vai firmando ao longo do tempo, por meio de “processos inconscientes”, e não como “algo inato”, existente na “consciência no momento do nascimento”. Para o autor, ela está sempre incompleta, “está em processo”, sempre “sendo formada”. Por isso, Hall (2005, 39) diz que:

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

A imagem projetada do corpo negro apresenta-se como um “vulto”, num processo de luta e busca por uma nova identidade. Os versos do poema citado evocam-se experiências de dispersão instituídas pelo *status quo*, pelo racismo estruturante das relações sociais e políticas, tensionando a ideia de território vinculada ao projeto de amparo aos seus cidadãos pelo Estado.

O poema lido se refere à identidade de um sujeito lírico incompleto, abalado pelo tratamento recebido na sociedade. Esse sujeito tem sua identidade transformada de acordo com a não aceitação no convívio social e na busca constante da construção da singularidade do eu para existir.

As histórias representadas em cada verso do poema citado são coletivas e perpassam cada pessoa negra e o modo como, de alguma forma, os corpos negros foram atravessados pelo Atlântico. A sociedade do lado de cá mostra-se cheia de racismo contra o outro afrodescendente.

A diáspora africana mostra como a travessia do Atlântico marcou o corpo negro. Esse processo consistiu em uma trama complexa que envolveu a captura de corpos negros, masculinos ou femininos, cuja travessia nos navios negreiros foi violenta e brutal, ocasionando mortes e suicídios.

hasta aqui, hasta llegar a mi

you traz na boca
todo o gosto do mar
e eu tento adivinhar inutilmente
quantos oceanos você atravessou
hasta aqui, hasta llegar a mí
quais oceanos você atravessou
hasta aqui, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta água, tanto sal
em cada gota de saliva.

you traz na pele
todos os tons da terra
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos continentes você percorreu
hasta aqui, hasta llegar a mí
quais continentes você percorreu
hasta aqui, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta cor e esse cheiro
que se acentua quando chove.

you diz reconhecer
o gosto de mar que trago na boca
os tons de terra que trago na pele
fácil perceber então que
atravessamos percorremos
os mesmos oceanos os mesmos continentes
hasta aqui

:somos filhos da África
e tudo que contamos através dos nossos corpos
fala sobre nós, mas no profundo da memória
guarda nossos ancestrais.
(Prates, 2019, p. 69-70)

A pluralidade do “eu” é convertida em “nós” quando se aciona questões que adentram os corpos negros. Todos compartilham a humanidade negada, naufragada nos oceanos e despejada nos continentes racistas.

Lubi Prates tem o papel significativo de contar a história preservando a memória e mantendo sucessivas gerações que sofrem as mesmas agruras. Sua escrita reforça o conceito de inclusão e empoderamento, convocando todas as mulheres a enegrecer e amefricanizar o feminismo à luz da decolonialidade.

A partir desse aspecto, a poeta em questão se rebela contra a tentativa de aniquilação subjetiva, criativa, física, ética e, até mesmo, psíquica, oferecendo ao leitor uma visão mais ampliada do ser/estar mulher e negra no mundo. Assim, podemos ler no poema citado, já na primeira estrofe, como o sujeito literário se encontra após a travessia transatlântica do seu corpo negro na diáspora forçada, contraindo um imaginário coletivo acerca de uma suposta submissão e passividade de tal corpo racializado.

A voz lírica evoca palavras de insurgências que são combatidas por resistências na última estrofe, quando reafirma ser filha da África, como um manifesto à sua liberdade e exaltação à ancestralidade. Sendo assim, na criação e recriação, a poeta reitera a importância do corpo negro na sua ancestralidade bem como na contemporaneidade, e como esses corpos ainda são tratados/recebidos na sociedade.

A forma e a estética na poesia de Lubi Prates são menos importantes que a vida concreta de uma pessoa que vive e rememora o racismo, e isso requer uma atenção a tal situação, tida como singular. A poeta também utiliza na escrita de seus versos uma mistura de línguas com um registro avulso e multicultural, que é o da sociedade global, que é alienada pelo totalitarismo mediático. Além de tudo, a poesia prateana pode ser definida como aquela que trabalha livremente o verso, pois está livre de aspectos consolidados, cuja forma oscilante, encarna o instável, vez que o que está em voga é a necessidade humana, suscetível à mutabilidade.

Marcadas e silenciadas pelas tentativas de “descorporificação”, as poetisas afrodescendentes, na contemporaneidade, continuam reagindo às várias formas de opressão. Num processo de (re)composição de seus corpos através da escrita, essas mulheres discutem e reafirmam suas condições frente a dimensões sociais, políticas e econômicas. Dessa forma, elas saem da situação de “objeto”, como lembra Souza:

[...] teórica ou poeticamente, as mulheres demonstram a preocupação em apontar e questionar os papéis e os lugares definidos para si, colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações e percepções tendo em vista que a autoimagem está fundamentada nas experiências de dor, prazer, ou desprazer que o corpo obriga-se a sentir e pensar [...] corpo [...] espaço qualificado historicamente para a grafia e a leitura das experiências passadas e cotidianas, para a inscrição de sonhos e desejos (Souza, 2005, p. 340).

A liberdade que o corpo feminino negro almeja está intrinsecamente escrito e elaborado pelas vozes de poetisas brasileiras. Esse corpo que reclama e vai à luta é um corpo feminino que deseja se distanciar dos lugares restritos definidos para si.

3 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

A escrita de mulheres negras representa, além do movimento do conceito de resistência, um lugar como protagonistas de uma história de dor que não foi contada, cujas considerações apresentadas mostram uma forma peculiar de escrever a história do Brasil sob a ótica do subalterno. Todos os sujeitos vão construindo suas identidades a partir de interações, relações e práticas cotidianas – e com Lubi Prates não é diferente, sua escrita é um instrumento utilizado para difundir acontecimentos que culminam no racismo.

Com sua escrita diaspórica e decolonial, a poeta transmite a sensação de sentir-se na condição não somente de imigrante, mas também de imigrante negra, tendo dificuldade de se encontrar, de não pertencimento.

A estrutura da escrita prateana é acessível e criou em “um corpo negro” uma linguagem próxima ao coloquial, o que potencializa sua poesia, que renovada, tem um olhar para a alteridade e para pensar o outro. Não obstante de outras poetisas negras, Prates tenta dismantlar, destruir preconceitos e estereótipos contra o corpo negro, implementando uma escrita versificada que denuncia as iniquidades do racismo sem perder sua literalidade. Sua escrita agencia o rompimento das ideias e olhares historicamente engessados sobre a figura e o papel da mulher negra na sociedade brasileira. Dessa forma, a poeta reforça sua poética e sua posição política, ambas agenciadas por suas sensações, percepções e vivências.

Precisamos entender que a poesia negra é um texto mimético que destoa do discurso hegemônico brasileiro, que sua escrita é própria com sentido próprio dentro do seu espaço imaginário e dentro do seu universo. Então, a poesia negra tem um compromisso sério com a decolonialidade e com a busca de um olhar e compreensão para além de influências literárias – é um elo de determinação, cuja escrita, também intrínseca, está amparada por conjecturas sobre a vida de seus autores.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Deivide Almeida. **Da África para o Brasil: a travessia transatlântica do corpo negro feminino**. São João del Rei. 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Promel%20-%20Deivide%20Almeida%20Avila.pdf>.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros I – o postulado de uma trajetória. *In*: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). **Gênero e representações: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DINIZ, Marcelo. A tradução como interlúdio. *In*: SCRAMIM, Susana; SISCAR, Marcos; PUCHEU, Alberto. **O duplo estado da poesia: modernidade e contemporaneidade**. São Paulo: Iluminuras, 2015, v. 1, p. 81-87.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PRATES, Lubi. **um corpo negro**. 2. ed. São Paulo: Nosotros Editorial, 2019.

SAID, Eduard. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA. Florentina da Silva. **Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.